



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

DEMOCRACIA PARA O HOMEM

“Como o homem, em suma, não foi feito para a democracia, mas a democracia é que foi feita para o homem, nada mais natural que a democracia brasileira se afeição às exigências de nossas condições sociais e não às de sociedades alienígenas, notadamente quando é certo que alguns dos regimes aí vigorantes nem sempre viveram em odor de santidade. Creio, em última análise, que a nação brasileira, no pleno exercício de sua soberania, é capaz de auto-determinar-se politicamente, imprimindo ao regime democrático, dentro do qual deseja construir a sua grandeza, os traços que melhor consultam aos interesses do povo.”

QUISERA merecer, pelo cabedal científico, a suma distinção com que me confunde esta ilustre Universidade. A viva consciência de que, pelo saber, não poderia alegar título bastante para investir-me na eminente dignidade, ora a mim conferida, não embarga a emoção que me assalta ao ser introduzido, pelo Egrégio Conselho Universitário, na comunhão dos doutores deste venerável centro de irradiação da cultura brasileira.

Se considerável é a parcela de fidalguia na inspiração deste ato, lícito é supor, no entanto, que fatores de outra ordem não foram também estranhos à formação do impulso que me abriu, de par em par, as portas desta Casa, para que lhe penetrasse os umbrais, como se pertencesse ao quadro dos que nela modelaram o espírito.

Não se explicaria, realmente, a efusão de cordialidade, de que esta hora é testemunha, se não se registrasse coincidência, quanto ao essencial, entre a maneira pela qual vejo o meu tempo e, na condição de governante, enfrento os seus problemas e o modo segundo o qual, como homens de pensamento, considerais a nossa época e reagis ante as suas aflições.

O encontro que assim se verifica entre os nossos corações, sobre honrar-me no mais extremo grau, constitui poderoso estímulo para que eu continue a

não conhecer obstáculos na realização de quanto reputar conveniente à felicidade social dos brasileiros.

O senso, que tenho, da responsabilidade do meu cargo se torna ainda mais agudo, ante a demonstração de simpatia e confiança que recolho, neste instante, dos professores e estudantes componentes desta corporação universitária. Não poderei, no entanto, corresponder à confiança que em mim se deposita, se o sistema universitário não se mantiver à altura do ofício, que hoje, mais do que outrora, a ele incumbe como instrumento de integração social.

Quando se apontam, como se tornou lugar comum em nossos dias, vícios e defeitos, estruturais ou metodológicos, na instituição universitária, não se lhe diminuem os créditos, que orgulhosamente pode ostentar, como energia criadora do nosso patrimônio cultural.

Sem a cooperação universitária não assistiríamos hoje à expansão do conhecimento em todos os campos para os quais se volta o apetite intelectual. Sem ela, a ciência não teria assumido a posição a que se alçou no mundo contemporâneo, para dotá-lo dos recursos tecnológicos com os quais se operam os milagres que maravilham o século.

As críticas que se articulam contra o sistema universitário não se dirigem, pois, à instituição em si. Representam unicamente a persuasão de que, pela reforma dos seus métodos de trabalho, pode a Universidade, graças sobretudo à melhor qualidade do ensino, render ainda muito mais em benefício das novas gerações.

As feições mais ou menos estáveis, que marcavam a sociedade do passado, facilitavam sobretudo a tarefa que se requeria da universidade. Então

mais não se lhe pedia do que adaptar a inteligência a modos de pensar e de sentir arraigados pela tradição nos hábitos culturais da época. O caráter dinâmico da sociedade atual como que traz, no entanto, em sobressalto a mente daqueles de quem se espera, na ordem prática ou especulativa, a solução dos problemas suscitados pelos novos estilos de comportamento. Novas respostas, são, assim, continuamente reclamadas pelas questões resultantes do ineditismo de condições criadas pelo tropel dos fatos científicos, econômicos e políticos. Da maneira segundo a qual o pensamento universitário saiba responder às grandes interrogações que, na sua angustiada insistência, o nosso tempo levanta a cada passo depende em alto grau a invenção de fórmulas que propiciem o atendimento do clamor por uma vida mais humana, por uma sociedade mais feliz e mais justa.

Pelo domínio cada vez mais amplo que proporciona sobre a natureza, o progresso científico se constituiu na matriz do fenômeno social mais característico do mundo contemporâneo, qual o do crescimento econômico. Por via da riqueza que por essa forma se acumula, já é possível vislumbrar, como algo realisticamente atingível, a eliminação cabal da miséria, até agora um dos mais terríveis flagelos da humanidade.

Para desterrar, no entanto, dos horizontes sociais a penúria, de modo a não subsistirem, no meio da abundância, condições de vida infra-humana, imperioso é promover-se, por meios eficazes, a redistribuição do produto nacional.

As providências de natureza concreta que até aqui já tomei no sentido de se dar cumprimento entre nós a esse imperativo de justiça social demonstram

eloqüentemente a firmeza da disposição que me anima de corrigir os pecados que, nesse particular, acusa a nossa ordem jurídica.

Não desconheço, todavia, que a humanização da ordem econômica, tal como a pretendemos implantar, está fundamentalmente ligada à difusão do ensino. Incontestável é a doutrina de que não se reduzirão, em medida razoável, as disparidades sociais sem se facultar a todos igual acesso às fontes de educação. Nos bancos escolares, ainda no grau primário, é que se inicia, ao menos potencialmente, a redistribuição da riqueza, culminando esse processo de democratização da economia nos seminários acadêmicos, onde se modelam as competências de que o País necessita para rasgar as grandes avenidas do seu futuro.

Não nos esqueçamos, todavia, que a ciência, por maiores que sejam os seus êxitos, notadamente no plano experimental, nada ou quase nada avançou no esclarecimento das questões capitais, que nos torturam, porquanto se limita a revelar o como, não o porquê das coisas. Envolto nas sombras que o cercam, o mistério do ser se faz impenetrável às investidas do método experimental, obrigado a manter-se, assim, na superfície dos fenômenos.

Argüi-se, além disso, que a ciência natural, pela sua neutralidade ética, tanto pode ser usada para o bem como para o mal. Sobre não desvendar os grandes enigmas que inquietam o homem, quanto à sua origem e ao seu destino, a ciência, pondo-lhe nas mãos imenso e terrível poder, não tem meios, assim, de garantir que a sua utilização se dará exclusivamente em proveito da humanidade.

Ninguém dirá que são imaginários os perigos que ameaçam a espécie humana, principalmente se se

advertir em que a civilização não logrou ainda proscrever a guerra como forma de solução dos conflitos entre os povos. Nada autoriza, porém, a crença de que não haja remédio para os males que se prenunciam. A condição humana, ao longo da História, nunca deixou de ser dramática, nem a sobrevivência da espécie se manteve, no decurso dos tempos, isenta de riscos. A prova, no entanto, de que a inteligência sempre encontra meios para vencer a rudeza das catástrofes que a adversidade não cansa de tecer, é dada, como houve já quem o assinalasse, pelo fato de que chegamos a salvo até aqui.

O trágico da circunstância histórica, onde hoje nos encontramos, está, contudo, em que o homem não acompanhou, pela sua evolução espiritual, o espantoso progresso da aventura científica, que o empolga. Senhor de processos que lhe permitem desencadear as forças naturais, não haveria que recear quanto ao uso do infinito poder de que assim dispõe, se houvesse conseguido arrancar do coração a truculência que nele se enraíza. A verdade é, no entanto, que a sua alma continua a ser trabalhada pelas mesmas paixões, que sempre lhe cegaram o entendimento, arrastando-o aos maiores desatinos. De natureza antes espiritual do que material é, por isso, a crise na nossa época, crise que continuará a agravar-se, caso não diminua, pela aceleração do progresso espiritual, a distância em que este se acha do progresso científico.

Não faltará quem objete que essa empresa transcende a capacidade humana, visto que o homem, abandonado a si próprio, nada poderia contra a fatalidade das leis, que lhe regem o ser. O peso do argumento não exclui, porém, a consideração de que,

pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, se ampliaram, em proporções extraordinárias, os horizontes do possível. Se isso ocorreu na ordem natural, por que o mesmo não se dará em relação às novas possibilidades que, por simetria, se hão de oferecer ao próprio homem, já que este, em vez de ser um monstro na natureza, participa, pelo contrário, de todas as camadas ônticas que a constituem? Além disso, se o progresso científico é filho da inteligência, por que não se decidirá o ser humano a usar o poder da sua mente para progredir também no campo espiritual, queimando etapas, como está em voga dizer-se, para não ser esmagado, no plano material, pelas suas próprias obras?

Ainda que fosse preciso um milagre, um suave milagre, para que isso se realizasse, estou em afirmar que esse milagre, não só é possível, como até já se operou. Reside ele simplesmente no amor, que é, segundo ensina fino pensador, o milagre da civilização. Não haveríamos chegado, com toda a certeza, até onde chegamos, sem que essa força moral se interpusesse entre os impulsos do instinto e os malefícios que este ocasionaria, se deixado inteiramente entregue à cegueira do seu implacável egoísmo.

A relevância das questões materiais não deve fazer, portanto, com que nelas nos absorvamos a ponto de esquecer ou, quando menos, colocar em posição secundária os valores espirituais. Embora a ciência, em seu nível teórico, seja indiferente ou cega aos valores, pode adquirir, todavia, pelas suas aplicações práticas, valor moral inestimável. Na consciência ética é, assim, que se haverá de procurar inspiração para que se ponha a ciência a serviço dos interesses humanos.

A batalha em que estamos engajados para assentar com segurança as coordenadas do futuro não deixará jamais de ser, em grande parte, uma batalha da inteligência, cujas conquistas admiráveis na esfera do conhecimento deixam entrever o que dela se pode esperar, mormente se se levar em conta a imensidão daquilo que ainda ignora.

Movida da vocação de saber o que não sabe, a inteligência talvez alargue o campo do conhecimento de modo a revelar ao homem o seu próprio mistério, dando-lhe, então, os elementos de que necessita para realizar-se plenamente e resolver os eternos problemas, que o encham de permanente ansiedade. De qualquer forma, enquanto esse momento não chega, já é muito possuímos a certeza de que a solidariedade social, alicerçada na afeição mútua, é capaz de congregiar os seres humanos para, em esforço comum, estabelecerem na terra, em bases racionais, a tranqüilidade da ordem, que, na definição famosa, é aquilo que nos separa da catástrofe.

Quem quer a ordem há-de querer também a justiça, que constitui, segundo expressão que já se tornou clássica, o maior interesse do homem sobre a terra. Plena razão assiste a quem disse que o homem suporta com estoicismo os sofrimentos que resultam de causas naturais, mas não pode conformar-se, no íntimo do coração, com os males provenientes da injustiça, pois que estes são evitáveis, não fatais, decorrendo de vícios da vontade humana.

Não me poderia, diante disso, trabalhar o espírito preocupação maior que a de instaurar entre nós ordem social, onde todo o interesse legítimo seja devidamente tutelado.

Não admitirei embargos à obra que, nesse terreno, decidi emprender. Sei que conto, para levá-la a bom termo, com o total apoio da opinião pública, manifestada pelo modo mais caloroso e inequívoco em todos os recantos do País aos quais tenho sido levado pelos deveres do meu cargo.

Não indago se o regime político, em que esse programa de governo se cumpre, na mais estrita sintonia com as aspirações do povo, corresponde, nas suas linhas fundamentais, à democracia de tipo anglo-saxônico ou anglo-americano, deste ou dos séculos passados, ou se se ajusta aos moldes da democracia de tipo latino ou germânico, quer dos nossos dias, quer de outros tempos. Basta-me saber, a esse propósito, que a democracia, como forma de convivência política, não constitui categoria lógica, imutável no tempo e no espaço, porém conceito histórico, sujeito às revisões impostas pela conveniência social. Como o homem, em suma, não foi feito para a democracia, mas a democracia é que foi feita para o homem, nada mais natural que a democracia brasileira se afeiçoe às exigências de nossas condições sociais e não às de sociedades alienígenas, notadamente quando é certo que alguns dos regimes aí vigorantes nem sempre viveram em odor de santidade. Creio, em última análise, que a nação brasileira, no pleno exercício de sua soberania, é capaz de autodeterminar-se politicamente, imprimindo o regime democrático, dentro do qual deseja construir a sua grandeza, os traços que melhor consultam aos interesses do povo.

Creio, também, de modo particular, no valor, tanto moral como intelectual, daqueles que integram o corpo de professores desta Universidade, bem

como na sua capacidade de infundir nos jovens que lhe freqüentam os cursos o indispensável entusiasmo para que possam transformar, pelo trabalho, os sonhos ambiciosos de hoje na realidade de amanhã.

(Discurso lido ao receber o título de «Doutor Honoris Causa», na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a 20/10/70).